ASSIGNATURAS
Corte, anno..... 10$000
Semestre..... 5$500
Trimestre..... 3$000
Mez..... 1$000
Pagamento adiantado

O SORRISO

ASSIGNATURAS
Provincias, anno. 12$000
Semestre..... 7$000
Trimestre..... 4$000
Mez..... 1$500
Pagamento adiantado

JORNAL SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO
Dedicado ás Moças Brasileiras
PROPRIEDADE DE M. J. MACHADO & F. A. COSTA
PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA
Numero avulso 100 rs. Edição especial do assignante 200 rs.
COLLABORAÇÃO FRANCA AOS ASSIGNANTES

Collaboradores effectivos:—Drs. Mello Moraes, Luiz Cardoso, Bernardino Bormann, Macedo de Aguiar, Agostinho de Araujo, S. Junior, Alfredo Gomes e Symphronio Cardoso.— Constantino do Amaral Tavares, Victor da Cunha, Augusto Emilio Zaluar, J. M. Tavares, João Mendes, D. Alice Clapp, Dr. Mello Moraes Filho, Dr. Walduroff, M. J. F. Guimarães, M. F. Machado, F. A. Costa, etc.

Escriptorio e Redacção.—Rua de Gonçalves Dias 28

Anno I Rio de Janeiro, 13 de Novembro de 1880 N. 13

O que sou?

O que sou? Pallida luz
Que ao porto salvo conduz
O navegante perdido;
Sou um ai de alaúde,
Negro crepe de ataúde
Em erma capella erguido

+

O que sou? Hastea quebrada
D'uma flor que festejada
Foi pela aura inconstante,
Uma cruz tosca isolada
No deserto collocada
Como guia ao viandante.

+

O que sou? Nota cadente
Que vem na brisa tremente
Em soluços envolvida;
Sou a fria lousa escura
De humilde sepultura
Pelo tempo carcomida!

+

O que sou? De campanario
N'um retiro solitario
Rouco dobre funeral,
Arbusto sem viço e flor
De denegrida côr
Que brota atôa no val.

+

O que sou? Gemer magoado
Do Oceano encapellado
Contra as rochas a fender-se;
Pallido raio de lua
Que no céo, além fluctua
Co'a aurora a debater-se.

+

O que sou? Cypreste esguio
Qual um phantasma sombrio
Entre mil campas erguido;
O canto triste e incerto
Da jurity no deserto
A chamar o 'sposo qu'rido.

+

O que sou? Joven descrido
No soffrer envelhecido
A pender p'ra sepultura;
Uma alma condemnada,
Da felicidade exilada,
Um filho da desventura...

A. O.

JÓCA

(ROMANCE INSTANTANEO)

(*Conclusão*)

V

As quatro da tarde do mesmo dia o Jóca apeiava-se do bond em frente á casa de Lili ; levava estudada uma declaração.

Parou na porta, e olhou muito o numero, placa.

Estava perturbado: parecia-lhe ir commetter um crime ; ouvio porém de dentro:

— Quem está ahi ?—Limpou o pó das botinas, ajustou a gravata e entrou.

Appareceu-lhe uma negrinha com um grande ponto de interrogação na cara.

— As fazendas de D. Lili ; e apontou-as.

A Lili chegava ao mesmo tempo quasi.

Trazia os cabellos molhados, soltos, como cordinhas de sêda, sobre o *peignoir*.

— Oh! Sr. Jóca! E estendendo-lhe a mãosinha fria:—que acabara de tomar banho.

—Desculpe o desalinho, sim ?—Esperava pa pai para jantar, e a mamãe estava dormindo—concluiu como animando-o.

— Está tão bonitinha ! fez o Jóca.

Ella rio-se, e foi ajudal-o a desatar o cordão do embrulho de fazendas que elle embaraçara.

— Deixe estar, D. Lili...

E afastava-lhe brandamente as mãos.

Mas, ella segurando-lhe nos punhos, e com coquetismo:

— Veja si quer poder commigo, hein ?

O Jóca perdeu a cabeça ; desprendeu-se facilmente,e segurando-lhe as mãos,muito offegante:

— D. Lili... murmurou.

Ella ria-se, fingindo esforçar-se por livrar as mãos, e com os olhos muito abertos :

— O que é isto, Sr. Jóca !

Elle já estava de joelhos e ia-lhe a recitar a declaração:

— Nas horas mortas da noite...

A Lili abafou um pequeno grito : o pai, do portão, presenciara a pathetica scena.

Jóca distendeu-se n'um salto de hanguros, e tentou dissimular com as fazendas :

— Estão certas ? gaguejou.

A Lili approximara-se insensivelmente da porta, e quando o velho, de *petropolis* em punho, entrava na sala, já ia ella, escada acima, caminho do primeiro andar.

O velho investiu para o Jóca.

— Estão certas, hein ? pelintra !

— São as fazendas, balbuciou o Jóca.

— Quaes fazendas, nem nada, *seu* fedelho !... Pule-me já d'aqui, e não me volte, entendeu ?!

O Jóca sahiu um pouco apressado, olhando de soslaio, a ver si algum ouvido profano apanhara a triste scena.

Tomou longe da casa o bond ; ia admirado de nunca haver encontrado nos romances aquelle desfecho essencialmente burguez. Achava que alli teria sido bem cabivel um duello.

VI

O armarinho perdeu a galante freguezia.

O Jóca a lobrigava raras vezes, passar rapida defronte da loja, na rua, e comprimental-o levemente, com os olhos.

Tornou-se então aborrecido, pensativo ; vivia a planejar escaladas e fugas: pensava em raptal-a.

Um anno depois casava-se a Lili com

um portuguez que tivera, annos atraz, um armazem de molhados na rua das Violas.

Partiu para a Europa com o bojudo esposo que queria rever a terra.

O Jóca *fumou* quando soube. Leu-lhe e releu-lhe o nome na lista dos passageiros, não podia crêr.

Lembrou-se então de casos semelhantes nos romances: ia seguil-os, tomar quarto no mesmo hotel e uma bella noite cahir como uma bomba no meio d'elles exclamando:— *conheces-me*, Lili? *Sou eu o Jóca*! E púm! púm! matava os infames.

Uma pequena razão deteve-o, felizmente: não tinha dinheiro.

Deu então para comprar decimos da loteria; ia logo cêdo, no dia que *andava a roda*, ao kiosque do largo, com anciedade, a vêr o premio.

Corria com o dedo, febrilmente, todos os numeros; nunca achava o seu.

Voltava desanimado, resmungando— que aquillo era um roubo, uma ladroeira— e rompia em mil pedacinhos o bilhete.

Entretanto passaram-se dous annos. A Lili voltava da Europa.

Vinha mais gorda, um pouco morena, e trazia um bébé.

O Jóca poz-se a procural-a. Ia á tarde, nos domingos, aos passeios, e á noite, até as nove, postava-se á porta dos theatros; e pelas costas, todas as mulheres pareciam-lhe ella; alcançava-as e voltava-se rapido, fixando-as, esperando ouvir um grito. Porém nada.

Passou-se um mez.

Já desesperava.

Talvez estivesse fóra— pensava.

E ia aos arrabaldes, ás festas de Nictheroy. Nada.

Uma vez, (já a estava quasi esquecendo) partia um paquete para a Europa.

O Jóca foi ao correio a deitar cartas.

Parou na porta, estatelado, a mirar uma mulher que comprava sêllos.

Era ella, não havia duvida. Encostou-se á parede. Tremia. Voltavam-lhe vivas e com mais força todas as reminiscencias; n'um momento, imaginou pallidez, gritos, desmaios um escandalo emfim!...

Mas lá vinha ella...

O Jóca tossiu.

Ella olhou o com indifferença; porém depois, fixando-o:

— Mas é o Sr. Jóca?!

E approximou-se estendendo-lhe a mão.

— Inda está com o Pedroza?...

— Sim, senhora..... titubeou o Jóca.

E depois com intenção:

— Inda se lembra?!

— E então? respondeu, rindo-se muito. E' verdade, como se passa o tempo, hein?... a proposito...

O Jóca estremeceu.

— Ainda tem lá aquella lãsinha Pompadour?

.....

Oito dias depois, a Lili era de novo fregueza da Loja da Cobra.

M. J. Ferreira Guimarães.

Julia

Tens a belleza d'um anjo,
E o coração do diabo!...

Julia, eu te amo como se ama
Fida esposa com fervor ...
Fazes parte de minha alma
E's meu prazer, minha dôr!...

E's meu prazer, se te ouço
Doces cadencias vibrar ;
E's meu pezar, se emmudeces
Ou se ausente vens a estar.

Tu és a flor do segredo...
Tu és o meu talisman...
Durmo sonhando comtigo...
Tu me acordas de manhã...

E's meu jardim, porque toda
Representas uma flor ;
E teu perfume sagrado
Me dá vida e dá calor.

E's meu anjo, és meu demonio,
Que me infunde e rouba a fé :
Porque traquina me tentas
Sempre que me estás ao pé !...

Se te ris, todos se alegram !
Se fallas, tudo arrebatas !
Se olhas, tudo agrilhoas !
Mas se te arrufas, me matas !...

Tens uma figura esvelta ;
A côr de jambo mimosa !...
E um teclado de marfim...
Entre labios côr de rosa !.. :

E, uns olhos, negros, negros,
Que raios dardejam infindos...
Mais fulgentes nunca vi,
Nem iguaes aos teus tão lindos !...

Porém, para que te expendo
Minhas fraquesas de amor ;
Se a tua volubilidade
Mostra o teu genio traidor !...

E's qual bainha de espada
De lavor caro e exquisito ;
Lamina de tosca madeira
Rude punho de granito ! !...

DR. WALDUROFF.

Maldito

No brando sussurro das brizas frementes,
Em bosques virentes parece-me um grito
Longinquo abafado escutar temeroso,
Dizer pavoroso—poeta maldito !

Monotonos echos, voando nos ares,
Nas serras, nos mares ao longe reboam,
O grito infernal, repetindo constantes
Em vozes distantes, que pávidas soam.

E sinto de um susto o ligeiro arripio,
E pallido, frio, insensivel repito
O que dizem as brizas da tarde frementes
E os echos correntes—poeta maldito !

A's vezes da aurora ao crepusculo ameno,
Que reina sereno da noite ao fugir,
Sentado contemplo do cimo de um monte
O sol no horizonte brilhante assumir.

A's vezes deitado na areia da praia,
Aonde se espraia em murmurios o mar,
A placida lua nas aguas dolentes
Os raios trementes eu vejo espalhar.

E quando por tanta belleza enlevado
Um canto inspirado começo a entoar,
O grito infernal, echoando nos ares,
Nas serras, nos mares começo a escutar.

E sempre que a dor minha voz não inspira,
Nem sôa na lyra uma endeixa sentida ;
E sempre que aos labios assoma-me um riso
E um hymno diviso na mente incendida ;

No brando sussurro das brizas frementes
Nos echos correntes parece-me o grito
Longinquo, abafado escutar temeroso
Dizer pavoroso—poeta maldito !

C. DO AMARAL TAVARES.

O Sorriso

Os poetas do *Sorriso*
Tem ao sorriso exaltado,
Pois vai cantal-o tambem
Meu plectro desafinado.

Mas que direi eu de novo,
Si Alfredo Gomes já disse,
Nada haver que mais encante
Do que a mulher que sorri-se?

Ao sorriso uns bellos versos
Dedicou tambem João Mendes;
Dirás com desdem, leitora:
Tu quem és, o que pretendes?

Não zombes de mim, senhora,
Dos pobres de Deus, não mofes;
Não fallam só do sorriso
Mendes, Gomes, Walduroffs.

Elles já disseram muito,
Mas si acaso não m'illudo,
Apezar de tanta cousa
Não se lembraram de tudo.

Ha sorrisos de tristeza,
Sorrisos de moribundos,
Ha sorrisos que são prantos
De mil pezares profundos.

Ha sorrisos amarellos
Do dandy que não vê boia;
Da mulher que adora o luxo
Quando quer alguma joia.

E' tambem magro o sorriso
Do pobre funccionario,
Quando os seus cinco por cento
Lhe rouba o publico erario.

Ha o sorriso de infamia
Do fidalgo que não cora;
Dos credores malfazejos
No momento da penhora.

Mas oh! que quadro medonho
Estou agora a pintar,
Vejo a leitora nervosa
Por um triz a desmaiar.

— « Ao menos todos os outros
Acharam lindo o sorriso,
E vir agora insultal-o
Versejador tão sem sizo... »

E' que eu discordo, leitora,
Do que, parece-me, eu li:
Nada haver que mais deleite
Do que a mulher que sorri.

(Leia baixinho, senhora,
Que aquelle moço formoso
Sorriu-se n'este momento
Com seu ar malicioso.)

Ora eu julgava até hontem
Sorriso um substantivo,
Hoje é *verbo insinuante*
Como quem diz verbo activo.

Tambem aprendi que existe
Esse gesto tão mimoso
Solido, liquido, ou mesmo
No leve estado gazoso.

Assim pois, *tela* ou *poema*,
Ou *seiva da inspiração*
Póde ser, o tal sorriso
Aura, luz, *crença*, *expressão*.

Portanto o bom do sorriso,
Camaleão furta-côr,
E' santo de muito culto,
Ou demonio tentador.

Pois, leitora, entre os affectos
Que enumerar fôra longo,
Só o Francez, desaforo,
Vem chamal-o *camondongo* ! (1)

S. JUNIOR.

(1) *Souris*, sorriso, ratinho

Por causa d'um primo

(SCENA DE CIUMES)

IX

Antonio de Castro, assim se chamava o filho de D. Thereza, voltou d'ahi a pouco, trazendo as cartas de que fallara.

Desdobrou-as com a maior serenidade e apresentou-as a sua mãe.

— Eis ahi as provas do que disse, e parece-me que motivo por demais justificado para merecer absolvição, se é crime ter uma vez desobedecido a minha mãe. Queira ler.

Ella, porém, incredula ainda, reparou minuciosamente na letra, para vêr se seria ou não de suas sobrinhas, pois havia-lhe atravessado a imaginação a idéa de um subterfugio de seu filho, o que seria, n'este caso, impossivel, porque mais cedo ou mais tarde saberia a verdade.

No entanto, apezar do que via, hesitava em acreditar em tudo isso, desde que tinha essas meninas no melhor conceito, julgando-as por conseguinte incapazes de qualquer acção menos digna.

Não obstante isso, era fatalmente verdade que essas duas cartas haviam sido escriptas por suas sobrinhas, a quem consagrava uma boa parte de seus affectos, e ia agora saber mais clara, mais positivamente, o que momentos antes ouvira de seu filho.

— E' infelizmente verdade! balbuciou ella.

— Pois duvidou de mim?

— Sim, duvidei; suppuz que me quizesses enganar. E antes o fosse, porque não teria de lamentar um infortunio que vejo imminente, e que bastante me penalisa. Toma, lê tu; não me sinto com forças de fazel-o, e não sei se terei coragem de ouvir o que essas cartas dizem.

— Se se sente incommodada, deixemos isto para ámanhã.

— Não, lê. E' sempre melhor quando o golpe vem de uma só vez, porque não nos martyrisa tanto. Lê.

— Sim, minha mãe, mas peço-lhe que ouça tudo com o maior sangue frio, porque são coisas estas que talvez possam ainda remediar-se.

— Oxalá!...

— Vou começar pela carta de Olympia. Queira prestar toda a sua attenção.

E o moço leu:

« Meu bom primo.

« Em nossa vida ha dores tão cruciantes, magoas tão profundas, duvidas tão crueis, que seria preciso um supremo esforço para poder explical-as.

« E eu sinto essas dores, essas magoas, essas duvidas a rasgar-me o peito e não sei descobrir-lhes a fonte, dizer-lhes a causa.

« E comtudo nada me falta, nem o teu amor, nem a santa e verdadeira affeição de minha avó, nem os beijos e caricias de minha irmã!

« Entretanto esta...

« Meu Deus! que cruel pensamento me assaltou! Não duvidei eu por um instante da lealdade de Isabel?

« Ella tão boa, tão affavel, seria capaz de mentir-me, de enganar-me?

« Oh! nem quero pensar n'isso!

« Ha, porém, da sua parte uma certa reserva, uns certos mysterios, cuja comprehensão se me torna difficil.

« Ainda assim, eu amo essa criança, que apezar de me causar alguma suspeita,

não deixa de ser uma pobresinha louca, inexperiente das coisas do mundo.

« Tira-me da incerteza em que vivo, querido primo; dize-me que só a mim amas e acalmarás a tempestade que se agita em minha alma; porque é tal o meu egoismo, a ambição de ser tua, que seria capaz de assassinar minha propria irmã, movida pelo desespero do ciume, se soubesse que ella te amava.

« Se ainda me dedicas a mesma affeição e se tens em alguma conta o muito amor que te consagro, socega o coração da tua pobre—OLYMPIA. »

D. Thereza ouvira, sem interromper, a leitura da carta de sua sobrinha, e limitou-se a exclamar:

— Parece impossivel!

— Vejamos a outra, que tanto tem de curta como de atrevida.

« Primo.

« Se o Sr. me quiz illudir com falsas promessas d'um amor que nunca lhe inspirei, enganou-se; porque, apezar de eu ser uma criança, duvidei sempre das suas palavras mentidas.

« Tive, desgraçadamente, a infelicidade de o amar, confesso-o, e não me envergonho de declarar-lhe que o amo hoje mais do que nunca.

« O Sr., porém voluvel, como o é, despresou-me, dedicando-se inteiramente a minha irmã, porque d'isso desconfiei hoje.

« Depende da sua resposta a minha resolução; pois se fôr exacto o que penso, aviso-o de que me suicidarei, tornando-o autor da minha morte.—ISABEL.»

— Meu Deus! que é isso!

— Loucura de crianças, minha mãe.

— Como é que se explica então a carta que ha pouco acabei de lêr? E' verdade que ella manifesta as mesmas desconfianças, porém o estylo é mais calmo...

— Ah! sim! Eu respondi-lhe, negando o que ella suppõe.

— Ainda d'esta vez és o culpado, meu filho. Se não acordasses aquelles corações que ensinaste a pulsar de sentimentos que desconheciam, nada d'isto succederia.

— Até certo ponto, a mim proprio me condemno; porém circumstancias especiaes se deram de modo a levar-me a entreter correspondencia com ambas.

— Ah! meu filho! Não se brinca assim com o coração de duas pobres meninas!

D. Thereza, ou porque estivesse cansada de recriminar o filho, ou porque quizesse conduzir as coisas a um bom termo, mostrava-se agora branda e affavel, dando-se apenas uns ares de compaixão por suas sobrinhas, de cuja innocencia jámais suspeitara.

— Vou pedir-te um favor, disse ella, espero que me attenderás.

— Minha mãe ordena, não pede.

— Dize-me: tu amas alguma de tuas primas? Sê verdadeiro, meu filho, não queiras illudir-me.

— Amo Isabel, minha mãe.

— Não mentes, não?

— Juro-o!

— Oppor-te-hias a desposal-a, se d'esse enlace proviesse a ventura de nós todos?

— E Olympia? As ameaças...

— Não te dê isso cuidado. Tudo arranjarei de modo a não haver desaire para pessoa alguma.

— N'esse caso, não duvidarei em fazer-lhe a vontade.

Os olhos de D. Thereza brilharam de contentamento.

— Outra coisa ainda, meu filho, tornou

ella, acompanhas-me ámanhã a casa de tua avó?

— Sim, minha mãe.

Ainda o moço não tinha bem respondido, quando D. Thereza, correndo a elle, o cingiu em apertado abraço, exclamando:

— Oh! como és bom filho!

Depois, dirigiu-se para a porta da sala e disse ao moleque, que esperava:

— Vai e diz a minha mãe que ámanhã lá irei juntamente com seu neto.

O rapaz, fazendo as mais desageitadas cortezias, sahiu, rosnando:

— Eu bem ouvi tudo! Aqui ha coisa... O que vale é que eu sou de segredo, senão...

F. Arthur Costa.

(Continúa).

MOSAICO

O sapo e o homem

Sapo sancho, fidalgo em sua côrte,
N'um sumptuoso dia de parada,
Fardou-se em grande gala, poz espóras,
Cingiu a cinta, o talim e a espada.

Do quarto de vestir-se até á rua
Seguio de quatro pés, foi de andadura;
Mas uma vez exposto aos transeuntes
Ostentou-se garboso em sua altura.

Em dous pulos galgou da rua o centro,
Apalpou a gravata, impertigou-se
Bradando: *muita terra corre um homem*!
Poz a luneta tossiu e assuou-se.

Alguem que contemplava o bicharoco,
Contente de seu passo avantajado,
A sorrir-se, lhe disse: *meu amigo*,
Se conservas-te ahi, vais ser pisado.

— E' commigo que fallas, miseravel?
Vou já a golpes reduzir-te a nada.
E pondo o pé atraz enfurecido,
Brandio altivo sua fina espada.

Perdão, *seu* sapo sancho, acode o intruso,
Não queira commigo se zangar...
Mas assim distrahido como o vejo,
Póde vossa excellencia a alguem pizar.

Isso sim... isso sim, grasnou o sapo,
Guardando a espada na bainha de ouro,
Sem essa explicação satisfactoria
Eu faria pasteis desse teu couro.

E alisando os punhos do fardão
Com ares de arrogante gentilhomem,
Deu dous pulos no solo endurecido
Bradando: *muita terra corre um homem*!

Moralidade

Entre nós pullulam sapos sanchos
De *ninguens* enfesada comitiva
Que se evita esmagar; pois como a lama
Envilece apezar de inoffensiva.

Dr. Luiz Cardoso.

CHARADAS

A decifração das do n. 11 é: Chispa, Marsilia, Universo, Chimboraso.

Um livro de versos ao primeiro decifrador das de hoje.

1—2—Nunca estou só no convento nem me apanham inteira

Sou preciso para a guerra) 2
E para a paz o sou tambem)
Appellido sou de homem,) 2
Um rio meu nome tem.)

Adorada nos jardins
Eu sou cheia de belleza,
Tenho aromas, meiga côr,
Symbolo sou da pureza.

1—2—Este homem tem odio áquelle nome.

Com mais *do* dava um inteiro—1
E sou gentil, sem mais nada—2
Para ser advinhada,
Sou nome, cidade e outeiro.

Typ. Economica, Rua de Gonçalves Dias n. 28